

ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DO NÃO-EUROPEU NOS ROMANCES LORD JIM E KIM, DE JOSEPH CONRAD E RUDYARD KIPLING

*Rafael Oliveira Sousa**

RESUMO: A presente produção tem como objetivo analisar o Imperialismo a partir do viés cultural, o desvinculando de uma análise exclusivamente economicista. Para tanto, serão utilizados, como fontes, dois romances escritos durante o período imperialista, são eles "Lord Jim"¹ (CONRAD, 1992) e "Kim"² (KIPLING, 2005), escritos por Joseph Conrad e Rudyard Kipling, respectivamente, entre os anos de 1900 e 1901. A principal intenção é analisar as representações dos não-europeus (Africanos e Asiáticos) nesses romances e suas relações de alteridade com a figura do europeu, colocada sempre em destaque por esses autores em contraste com um “nativo” representado como inferior a partir de uma concepção eurocêntrica. O referencial teórico é o conceito de representação do historiador francês, Roger Chartier.

PALAVRAS-CHAVE: Imperialismo; Lord Jim; Kim.

Durante os séculos XIX e XX potências colonialistas utilizaram da força para dominar vastos territórios em um evento que se convencionou chamar de Imperialismo: dominação de civilizações, de maneira sub-reptícia, em áreas como a África e Ásia, por nações em “extremado” estado de desenvolvimento tecnológico, como Inglaterra, França, Alemanha, Bélgica, entre outras. O objetivo dessa dominação seria angariar mercado consumidor, matérias primas e uma mão de obra a baixo custo. O Imperialismo poderia ser definido desta forma, direta e sem muitas conjecturas. Mas, permitir essa definição seria enquadrar os eventos históricos do período em um único viés, vilipendiando as mais diversas conjecturas que se entrelaçam, formando a rede da Era dos Impérios¹ (Hobsbawm, 1992).

Fatores múltiplos e variados como as questões culturais, biológicas e políticas, muito além do econômico, justificaram e deram bases para as ações imperialistas. Eles por vezes são esquecidos pelo rolo compressor da história. Majoritariamente os trabalhos até hoje publicados abordam o Imperialismo como sendo inserido na “estante”

* Mestrando em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) - Financiamento pela CAPES

¹ HOBBSBAMW, Eric; *Era dos Impérios - 1875 - 1914* -. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1992.

da historiografia econômica. Culturalmente a Era dos Impérios (HOBSBAWN, 1992) foi rica em ideias. Uma miríade de autores e intelectuais como Jane Austen, Herman Melville, Conan Doyle e Rider Haggard produziram saberes, estes foram difundidos ou em novelas (obras literárias) ou também como sendo partes do pensamento científico. Estas novelas, hoje, são capazes de mostrar como na visão artística e cultural, o período tido como Imperialismo fora permeado por estes fatores e como as artes estiveram embebidas nestes ares de intolerância, supremacia e olhar altero a cerca do “outro”.

A presente produção tem como objetivo principal analisar o Imperialismo a partir do viés cultural, para tanto, serão utilizados, como fontes, dois romances escritos durante o período imperialista, são eles “Lord Jim”² (CONRAD, 1992) e “Kim”³ (KIPLING, 2005), escritos por Joseph Conrad e Rudyard Kipling, respectivamente.

AS RAÍZES DE UMA OBRA:

Rudyard Kipling nasceu em Bombaim, hoje atual Mumbai, Índia, em 1865, aos 7 anos partiu para Inglaterra com o objetivo de estudar. Foi um grande apologista do Império Britânico. Em 1892, voltou à sua terra natal como correspondente de um jornal britânico.

A relação de Kipling com o universo imperialista não se restringe à sua obra. É algo inerente à sua vida pessoal. Quando nasceu em Bombaim em 1865, este se encontrava em um protetorado britânico. Sua família era legitimamente britânica; se mudou para a Índia devido ao emprego de seu pai, John Lockwood Kipling, diretor e professor de escultura da Sir Jamsetjee Escola de Arte e Indústria em Bombaim. Kipling foi agraciado, em 1907, com o Nobel de Literatura, a mais alta honraria concedida a escritores. Em 1936 faleceu em Londres.

A obra de Rudyard Kipling, em particular *Kim* (KIPLING, 2005), sofreu influências marcantes de sua infância em Bombaim. *Kim* retrata a história de um jovem garoto em uma longa jornada pela Índia. O caráter descritivo e detalhista fez que as produções do autor se tornassem um amalgama entre a curiosidade e a busca do saber.

Teodor Joseph Conrad foi um dos mais importantes escritores da língua inglesa⁴. Nasceu na Polônia em 03 de Dezembro de 1857 e faleceu em 1924; em 1886 foi

² - CONRAD, Joseph. **Lord Jim**. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1982.

³ - KIPLING, Rudyard. **Kim**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

⁴ - CONRAD, Joseph. **Lord Jim**. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1982.

naturalizado cidadão britânico. Conrad serviu à França e, posteriormente, à Inglaterra, como marinheiro. Viajou várias vezes para a Ásia onde colheu material para alguns de seus romances. Em “Lord Jim” (CONRAD, 1982), é possível fitar, em Jim, um homem que traz para si a convivência “pacífica” e liderança; entre ele e os nativos existe uma relação de aproximação.

Tanto Rudyard Kipling quanto Joseph Conrad tiveram suas obras fortemente influenciadas pelo Império. Seus escritos são centrados no Império e para o Império, traços marcantes da vida de ambos os autores evidenciam isto, estes que viveram cercados pela falsa ideia de superioridade européia e predestinação ao domínio dos povos subjugados, transcrevem estes ideais em suas obras.

POR UMA RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA E O ENGAJAMENTO LITERÁRIO:

A História antes do século XIX dividia espaço com a literatura, as fronteiras se entrecruzavam pelo simples fato da inexistência de um método de escrita que garantisse a separação de ambos, história e literatura. O caráter científico da escrita histórica era parco, somente viria a ser mais utilizado após segunda metade do século XIX com a escola positivista e sua oficialidade que, segundo seus membros, garantiria seu caráter científico e a divisão das fronteiras da história e da literatura.

A convicção dos “positivistas” era que se adotasse uma postura de distanciamento do objeto analisado, sem manter relações de interdependência, sem se “envolver” com a sua fonte; obteria um conhecimento histórico objetivo, um reflexo fiel dos fatos do passado, puro de toda distorção subjetiva. (REIS, 2004). O historiador descreve os fatos realmente acontecidos e da forma como ocorreram. Os eventos/fatos seriam acontecimentos políticos, religiosos, diplomáticos estes que seriam considerados os centrais para o fazer histórico. Na concepção positivista os acontecimentos históricos não possuíam conexão com o presente. O passado desvinculado do presente era a “área do historiador”. (REIS,2004).

A literatura, até meados do século XX, não fora tida como fonte dotada de confiabilidade, os romances eram considerados como meros espaços ficcionais, como se não refletissem a realidade social ao quais os autores estivessem inseridos, o romance seria uma extensão do mundo romanescos da irrealidade. A percepção desde o “advento” da escola dos *Annales* permite que não só a literatura, mas todo e qualquer documento,

objeto e/ou pensamento, seja caracterizado como uma fonte histórica; o crivo do historiador irá definir se é ou não uma fonte, essa percepção não deve ser universalizada, pois cada historiador poderá ter um parecer distinto.

Durante tempo significativo a história e a literatura foram associadas. A fronteira entre a ficção e a história é tênue, levando, com certa recorrência, generalizações e associações entre estas duas áreas. A história tem como objetivo realizar a representação verossímil do real, de algo que já se passou. Por sua vez a ficção/literatura (Conto, romance, poema e etc.) também objetiva as representações do real, mas não tem como objetivo principal se fundamentar neste princípio.

O literato insere-se na realidade sociocultural do tempo em que vive, do qual faz parte, com ela dialogando ao produzir sua representação, por meio de sua vivência, de seus interesses e projetos, mas não é simples defensor dos acontecimentos sociais; ele os transforma e combina, cria e devolve o produzido à sociedade. (DAVI, 2007, P. 12).

O literato dialoga com a sua realidade, seja para contrastá-la ou basear-se nela para dar legitimidade à sua narrativa. É possível associar essa concepção aos romances de Joseph Conrad e Rudyard Kipling, ambos os autores são influenciados por sua realidade sociocultural como fonte de entusiasmo para suas obras.

Como a análise de qualquer outro documento, o historiador depara-se com desafios ao debruçar-se sobre uma fonte literária, o maior de todos os desafios é que a fonte quase nunca é inédita, teria, por sua vez, passado por outras análises, desta feita o historiador deve abordá-la em um diálogo com uma escala, um sistema de referências, uma história literária, que já classificou, hierarquizou as escritas, as obras e os autores (PARIS, 1988).

A aproximação da história para com outras áreas do saber foi tendência durante o século XX após o “rompimento” com o modelo positivista. A história aproximou-se da antropologia, literatura, filologia e filosofia. Essa característica permitiu e deu base para o surgimento de novas técnicas e novos procedimentos teóricos. A multidisciplinaridade ou pluridisciplinaridade atendeu a uma reivindicação da escola dos *Annales*, o movimento historiográfico que se destacou durante o século XX.

Carlo Ginzburg em “Relações de Força: história, retórica e prova” (GINZBURG, 2002) apresenta o trabalho do historiador como sendo de uma análise minuciosa, onde este deve procurar escavar os meandros do documento. É preciso aprender a ler os testemunhos às avessas, contra as intenções de quem o produziu

(GINZBURG, 2002). O processo de erudição é a chave presente em ambos os trabalhos, o historiador é a figura central, a ele cabe o questionamento da fonte. Ao afirmar a necessidade de que se leia os testemunhos às avessas, Ginzburg sugere que o historiador procure além do óbvio, do que o documento apresenta, para que, deste modo, possa confrontar com as intenções de quem o produziu.

Seja a fonte documental oficial ou uma obra literária, só o processo de erudição conduzido pelo pesquisador irá questionar o material e dele retirar as respostas necessárias que possibilitarão sua classificação e sua descrição.

Para a história cultural, a relação entre a história e a literatura se resolve no plano epistemológico, mediante aproximações com o real [...] Nessa medida, é a história que forma as perguntas e coloca as questões, enquanto que a literatura opera como fonte (PESAVENTO, 2004, P. 80 e 81).

Segundo Pesavento, para a história cultural a relação entre história e literatura se resolve epistemologicamente, com a aproximação com o real. A história/historiador são os questionadores da fonte, que neste caso é a literatura. Cabe a história fazer as mais diversas perguntas, contrastá-la com a realidade, “dissecar” sua fonte a fim de obter as respostas que sejam prudentes, o processo de erudição é o principal aliado do historiador para questionar as fontes.

A relação entre a literatura e a história é de cumplicidade, ambas influenciam-se mutuamente, tanto a história, com seu corpo social, fornece arcabouço teórico e sociológico à literatura, como esta, por sua vez, serve de fonte para a história. O trabalho do historiador é questionar, buscar e isto ele é capaz de aplicar a qualquer fonte documental ou não, utilizando as técnicas corretas durante o processo de erudição.

Muito já fora explorado acerca da relação entre história e literatura, como também da contribuição de uma para com a outra. É necessário pensar a literatura como produto do meio social dos autores, ela reflete as experiências de vida destes e suas militâncias.

Afinal, todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que os seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo - e é destes que eles falam. Fora de qualquer dúvida: a literatura é antes de mais nada um produto artístico, destinado a agradar e a comover; mas como se pode imaginar uma árvore sem raízes, ou como pode a qualidade dos seus frutos não depender das características do solo, da natureza e das condições ambientais (SEVCENKO, 1995, P. 20).

O historiador Nicolau Sevcenko alude à literatura ao imaginário social do autor, com os frutos produzidos por uma árvore e as condições de solo e ambiente. De fato, por mais ficcional que seja a narrativa, ela tem aporte no ambiente do autor. A literatura desde suas origens fora militante, partia em defesa de uma causa, essa regra, de fato tem sua exceção, é notória a existência de uma literatura que não intenciona comprometimento e militância e sim apego ao lúdico; muito embora o historiador possa fazer uso dela de maneira que o processo de erudição possa retirar desta obra, respostas que ela não objetivava responder.

A militância na literatura divide-se em dois âmbitos, a aprovação das práticas sociais e a reprovação das mesmas, dialogando com o que objetiva esta produção acerca do imperialismo, a literatura pode ser militante ou pode ser contrária, mas em casos excepcionais, pode manter sua dualidade, ou seja, defesa e crítica. Edward Said em “Cultura e Imperialismo” (SAID, 2011) apresenta como a literatura serviu de apoio, como também crítica ao imperialismo, mostrando a reflexão dos autores neste período.

Ainda no ponto da literatura engajada, Jean-Paul Sartre sugere que a literatura deve ter uma função social, ter um intento que não seja meramente a arte pela arte. O escritor ‘engajado’ sabe que a palavra é ação (SARTRE, 2004). O engajamento é exercido de maneira consciente pelo autor, ele sabe que sua palavra é ação, destarte, ele sabe do reflexo de suas palavras.

Uma cultura burguesa influenciava os escritos e a forma de pensar, parcela significativa destes autores, estava a serviço da burguesia, que tendia a naturalizar essas ações. Cecil Rhodes, ávido imperialista e negociante inglês para o comércio de diamantes extraídos da África, certa vez, chegou a lamentar o fato de não poder anexar aos domínios britânicos e aos seus próprios, as estrelas e os planetas. “Se eu pudesse eu anexaria os planetas” (ARENDET, 1989 P. 139).

No que se refere ainda acerca da questão da verossimilhança do que trata a literatura é possível mais uma vez retomar as obras que serão analisadas mais adiante, em particular, “Kim” (KIPLING, 2005), do inglês Rudyard Kipling. Em “Kim” (KIPLING, 2005), é apresentado ao longo da narrativa, acontecimentos que tem sua veracidade comprovada pela historiografia, desde o “Grande Jogo” que remonta o mal-estar diplomático existente entre a Rússia e a Grã-Bretanha na Ásia central entre os anos de 1893 a 1898 devido à tentativa russa a todo custo expandir suas fronteiras, em particular, na Índia.

Findando esta primeira explanação, é possível apresentar ao leitor o rico intercurso entre história e literatura, como também o início dessa relação, historicizando desde os métodos positivistas até o advento da escola dos *Annales* e sua “revolução” no fazer historiográfico, dialogando com as mais variadas concepções teóricas originárias desse contato (história e literatura). Com essa análise da relação flexível, existente entre história e literatura, é possível construir as pontes necessárias para iniciar a discussão do próximo ponto acerca da análise da representação do colonizado nos romances de Joseph Conrad e Rudyard Kipling.

A REPRESENTAÇÃO DO COLONIZADO EM LORD JIM E KIM

A influência imposta pelos grandes impérios durante o Imperialismo utilizou-se de uma miríade de justificativas para levar adiante o seu projeto de subjugação das áreas de influências (colônias de dominação direta e indiretas, protetorados e etc.). Era necessário para as potências imperialistas angariar apoio e respaldo da comunidade acadêmica, como também um apoio popular. O intento maior era a busca por uma justificativa plausível que garantisse legitimidade à forma como fora imposto este domínio. A justificativa calcada na ideia de perfectibilidade fez-se presente fortemente após os movimentos “colonizatórios” das terras americanas iniciados no século XV, o que levou à validação da escravidão de mais de 2 milhões de seres humanos de cor negra que aportaram na América após o século XVI e somente findando-se no século XIX. Partindo também desta premissa, que a cor da pele, a raça, justificaria a dominação de terras e daria o direito de posse, durante 1870 e 1914 as nações imperialistas chegaram a avançar 560.000 Km² ao ano. Existia agora a ideia de uma responsabilidade dos homens ditos civilizados em levar o progresso e a civilização aos povos de raças inferiores.

A presente produção recorrerá a romances escritos nos séculos XIX e XX por autores familiarizados às práticas de dominação impostas pelo mundo europeu às suas novas colônias. Joseph Conrad e Rudyard Kipling, tanto em “Lord Jim” (CONRAD, 1982) quanto em “Kim” (KIPLING, 2005) apresentaram, de maneira “comum” e corriqueira, as ações e representações das colônias britânicas e regiões de influência. O recorte apresentado será de final do século XIX até a primeira década do século XX, 1910, abrangendo a temporalidade abordada por ambas obras.

O trabalho tem como finalidade principal apresentar as representações que partem do europeu para com as nações dominadas durante o Imperialismo, como também discutir, a partir desta análise, as estratégias de dominação cultural e problematizar as práticas de violência para com os povos dominados durante as ações imperialistas.

As representações, como quaisquer discursos têm sua origem, partem de um local determinado, tem uma premissa; deste modo elas trazem consigo as intenções de um grupo que tem o interesse em representar outro grupo. Segundo o historiador francês, Roger Chartier “As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de um grupo que as forjam” (CHARTIER, 1988, P. 17)

As intenções (De quem representa) são variadas, tem por finalidade legitimar estratégias e práticas de um determinado nicho social. Essa aprovação de um grupo e reprovação de outro é resultado da produção de alteridade, que coloca um como sendo o “outro”, o diferente do que o imaginário de quem representa a este “outro” tende a tomar como prática comum. Transpondo para a análise sugerida, se tem as representações em obras literárias de um “outro” que não seja europeu e branco. Essa percepção se fez presente durante dois séculos de dominação colonial européia na África e Ásia.

A busca de uma semelhança entre o “eu” e “outro”, como é descrito em “Lord Jim” (CONRAD, 1982) e em “Kim” (KIPLING, 2005), é responsável por gerar a ideia de superioridade. A partir do momento em que o europeu busca no africano ou no asiático aspectos que remetam à sua cultura, e geralmente essa busca é infrutífera, ele acaba por taxar essa ausência de aspectos semelhantes como inferioridade da cultura analisada. Posso conceber os outros como uma abstração, como uma instância da configuração psíquica de todo indivíduo, como o outro, outro ou outrem em relação a *mim* (TODOROV, 1999, P. 03).

Dando início à discussão literária acerca da representação da inferioridade dos povos colonizados, é prudente iniciar esta análise. “Lord Jim” (CONRAD, 1982) é um romance escrito pelo polaco naturalizado inglês, Joseph Conrad. Foi publicado de forma serial pela revista Blackwood's⁵ entre Outubro de 1899 e Novembro de 1900. O romance é subdividido em 3 partes; a 1º é uma aventura marítima, como também um

⁵ Revista britânica com tiragens entre os anos de 1817 e 1980. Foi fundada por William Blackwood e inicialmente funcionou com o nome de Edinburgh Monthly.

desastre no navio “Patna”, uma embarcação que transportava peregrinos muçulmanos. O “Patna” era um vapor da região, velho como as montanhas (CONRAD, 1982). Jim aparece neste momento inicialmente de maneira anódina, durante o naufrágio do navio ele toma uma importância que o seguirá por todo o decurso da história. Essa importância é devida a impossibilidade de ajuda aos peregrinos muçulmanos durante o naufrágio. Foi-me recomendado que não chamasse ninguém, nem fizesse ruído algum, para não despertar o pânico (CONRAD, 1982, p. 32). Jim se vê perseguido por essa culpa durante todo o romance. Muito embora os naufragos do Patna tenham sido salvos, Jim ainda assim carrega esse incômodo.

O segundo momento de clímax da narrativa é o julgamento de Jim pela ocasião do naufrágio do navio; todos os outros tripulantes escapam deste penoso momento, mas Jim é o único que não consegue se desvencilhar dele e tem sua licença caçada. É neste momento do julgamento que ele conhece e chama a atenção de Marlow, quem agora passa a narrar toda a história de Jim. “Eu assistia o inquérito, ate me pergunto o que teria conduzido os meus passos até lá” (CONRAD, 1982, P. 37).

Sem a licença de marinheiro e segundo- imediato (Cargo ocupado por Jim no *Patna*) e com a culpa de ter fugido sem prestar auxílio aos peregrinos do Patna, Jim necessita da ajuda de Marlow para conseguir um emprego. A partir daí se desdobra a terceira parte da narrativa. O jovem segue para uma ilha chamada Patusan⁶, um país fictício, mas que, segundo as descrições de Conrad, se encontra no Sudeste Asiático, por vezes seus habitantes chegam a serem descritos por Marlow como malaios.

Neste terceiro momento as representações de superioridade do europeu (Na figura de Jim) tornam-se mais fortes e, concomitante a isto, os estereótipos ante os colonizados são mais fortemente descritos. Jim passa a viver no Patusan, é acolhido por sua população como “Tuan Jim”, algo como Lord Jim, passa a ser o protetor daquela gente, eles acreditam que a eles traziam boa sorte. O contato é estreito, ele enturma-se na sociedade, mas não perde as destrezas de homem de raça superior, como descreve Marlow.

A obra é repleta das ideias de representação de um europeu para com os seus colonizados, os estereótipos de superioridade gerados pelo olhar do colonizador em procura da igualdade ou semelhança no “outro” acaba por reproduzir estes discursos que validaram e deram base para as ações imperialistas na África e Ásia.

⁶ Local fictício utilizado por Joseph Conrad em “Lord Jim”, pela descrição dada é possível situar o Patusan como estando localizado no sudeste asiático, nas proximidades da malásia.

A voz de meu Parsi Dubash, tagarelando com o steward sobre o negócio do 'Patna', diante de uma taça de chá, que por favor especial, lhe serviam. [...] Percebi na sala dos brancos. [...] Eu o vi soçobrar ... - E acrescentou suavemente: - Ele estava cheio de répteis. [...] Eu conheço esses animais ... Pau! Na cabeça do primeiro que se mover! [...] Eu o tomava como um daqueles negros (CONRAD, 1982, p. 38, 46, 48, 49 e 74).

Ao afirmar “meu” Parsi⁷, é notório a ideia de propriedade associada ao colonizado, o colono se autodenomina senhor e o nativo angaria status de servo, em pior dos casos, uma “propriedade” a qual esses senhores humilhavam e abusavam das mais diversas formas. O caráter animalesco atribuído aos nativos, geralmente associados a animais peçonhentos, como apresentado na citação transcrita. A imposição pela violência também é facilmente evidenciada, como também a ideia de uma supremacia calcada na cor da pele. Muito embora os homens descritos em Lord Jim majoritariamente não serem negros, a eles é atribuída à alcunha de negros, pois para o europeu colonizador o que não fosse branco seria automaticamente tido como sendo negro.

Ao dizer que “seu” Parsi tomara uma taça de chá por um favor demonstra a situação de clivagem existente entre europeus e nativos. Algo tão simples como uma taça de chá é visto como favor especial, guardando as devidas proporções dos eventos e do período histórico, é tão simbólico quanto presentear com um calçado um escravo brasileiro nos anos de 1600.

Ainda analisando um pouco a presença da subalternidade e da clivagem existente em “Lord Jim” (CONRAD, 1982), vê-se que ela é recorrente. É possível perceber que o intento em enaltecer o que é branco e natural da Europa é contrastá-lo com o nativo.

Ele estava protegido pelo seu isolamento: Único representante de uma raça superior. [...] A terra selvagem não lhe causava medo. [...] Comparava o Patusan 'a uma jaula de animais tornados ferozes por uma longa impenitência.' [...] Olhe essas casas; não há nenhuma onde não tenham fê em mim.[...] Indígenas petrificados de respeito. [...] Onde dia após dia, a palavra de Jim era a única verdade (CONRAD, 1982, P. 123, 161, 167, 174, 177 e 195).

“A terra selvagem não lhe causava medo” (CONRAD, 1982, P. 161) essa breve afirmação incute nos leitores de Conrad a certeza de que a coragem e o ato de desbravar terras “indômitas” eram características intrínsecas ao homem da Europa, capaz de não se sentir admoestado nas situações mais adversas, o europeu é um homem corajoso por

⁷ Neste contexto o termo faz alusão direta a grupo étnico originário da Índia e do Paquistão.

natureza, em contraponto o seu “outro” é o covarde, o subalterno, aquele que quando possui coragem é um “produto” da sua convivência com o homem branco.

Durante o século XIX o conceito de raça torna-se mais presente na literatura especializada na temática. A partir disso os estudos raciológicos, como também as teorias raciológicas, despontam no imaginário social europeu do século XIX. Com efeito, o termo raça é introduzido na literatura científica em inícios do século XIX, por Georges Curvier, inaugurando a ideia de existência de heranças físicas permanentes entre os vários grupos humanos (SCHWARCZ apud STOCKING, 1968, P. 60).

Esse saber sobre as raças implicou, por sua vez, ‘um ideal político’, um diagnóstico sobre a submissão ou mesmo a possível eliminação das raças inferiores, que se converteu em uma espécie de prática avançada do darwinismo social - a eugenia -, cuja meta era intervir na reprodução das populações (SCHWARCZ, 2005, P. 60).

A tentativa de controle da mestiçagem racial fez parte da política imperialista do século XIX e XX à expansão territorial era pregada, mas com ressalvas para precaução no que se refere ao contato entre as raças, o que resultaria na mescla racial destes povos, gerando seres que, segundo a ótica das teorias raciológicas vigentes no período, seriam inferiores e não competitivos. A eugenia⁸ foi à política vigente entre os séculos XIX e XX objetivando o controle da mestiçagem entre as raças e a esterilização dos mestiços.

A cada instante a tutela destes povos é reforçada não só pelo europeu, mas por eles próprios. Um artífice comum utilizado nos escritos imperialistas, o nativo clamando pela dominação e tutela. O sangue europeu descrito de modo mais exaltado por Conrad é como se fora de “casa” (da Europa) o europeu sentia-se mais europeu. Segundo Hannah Arendt⁹, as divisões de classes dentro das nações européias subdividiam por demasia a sociedade. Os homens da Europa sentiam-se mais franceses, ingleses, alemães entre as outras nacionalidades europeias, em possessões e colônias, mais do que dentro de suas próprias nações subdivididas por ferrenha divisão classista (ARENDET, 1989).

Em “Lord Jim” (CONRAD, 1982), a representação da superioridade europeia é sempre contrastada com o nativo em depreciação. Se o europeu é forte, bravo, corajoso,

⁸ Termo criado em 1883 por Francis Galton, antropólogo inglês, que significa bem nascido; Segundo Galton o termo refere-se ao estudo dos agentes sob controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações, seja física ou mentalmente.

⁹ Foi uma filósofa política alemã de origem judaica, uma das mais influentes do século XX. Entre suas obras de maior destaque está “Origens do totalitarismo” (ARENDET, 1989) que discute cultura, raça e política durante o imperialismo até a formação de regimes totalitários como o Nacional Socialismo e o regime Soviético.

sábio, o nativo, por sua vez, descrito como fraco, passivo, covarde e desprovido de inteligência. Construiu-se, da maneira desejada pelo Imperialismo, a imagem de um nativo que foi capaz de incutir na civilização europeia uma certeza, como também a obrigação de levar aos mais distantes locais do planeta o avanço e a civilização.

Por mais que a análise nesse primeiro momento tenha sido centrada em “Lord Jim” (CONRAD, 1982) de Joseph Conrad, não eram privilégio desse autor essas ideias e posturas acerca do Imperialismo, outros autores difundiram ideias semelhantes, como Rudyard Kipling em “Kim” (KIPLING, 2005), essa que será analisada agora.

“Kim” (KIPLING, 2005) foi uma novela escrita pelo britânico Rudyard Kipling, inicialmente fora publicado de maneira serial pela primeira vez na revista *McClure's*¹⁰ entre dezembro de 1900 a outubro de 1901, como também na *Cassell's Magazine*¹¹ entre janeiro e novembro de 1901. Em outubro de 1901 foi publicado pela primeira vez em forma de livro pela *Macmillian Publishers Ltd*¹².

“Kim” (KIPLING, 2005) narra à história de Kimball O'hara, um jovem garoto, órfão filho de um militar do serviço britânico que vivia pelas ruas de Lahore (atualmente faz parte do Paquistão), uma das mais populosas e movimentadas cidades da Índia (Neste momento sob dominação britânica), o garoto era um branco, inglês, mas preferia meter-se entre os nativos. Era órfão, fora criado pela tia que logo morrera, passava os dias pelas ruas entre os membros das mais variadas castas. A novela se desenrola a partir do grande jogo de espionagem existente na Índia e comandado pelo serviço secreto britânico.

O jovem Kimball O'hara conhece, pelas ruas de Lahore, um Lama do Tibet que procura um rio sagrado; o menino fica completamente interessado no tibetano devido aos costumes diferentes e incomuns de sua cultura. A partir do encontro de ambos, se desdobra toda a história, o grande jogo e a busca pelo rio sagrado andam lado a lado. Kim, de tanto interesse no velho monge, resolve torna-se seu *Chela*¹³ e parte junto com ele pelas ruas da Índia.

“Kim” (KIPLING, 2005) difere de “Lord Jim” (CONRAD, 1982) em um aspecto particular, na história escrita por Conrad o europeu dirigiu-se até as terras nativas, o que não ocorre em “Kim” (KIPLING, 2005), onde o jovem nasce na Índia.

¹⁰ Revista mensal publicada nos Estados Unidos entre os anos de 1893 e 1929.

¹¹ Revista Britânica de ilustrações teve seu período de atividades entre os anos de 1853 e 1932.

¹² Editora sediada na Suécia, iniciou seu funcionamento em 1843.

¹³ Jovem encarregado de carregar a escudela de seu “mestre” com objetivo de esmolar por ele e conseguir mantimento para ambos, essa atividade era comum entre os peregrinos tibetanos.

São posturas distintas, mas em ambos romances os europeus tem seu destaque assegurado pelo princípio da raça.

A 'borboleta' da porta rangeu movida pelo menino, e, admirado daquilo, o velho passou. No Hall viu esculturas Greco-budistas de grande antiguidade. [...] Partes outrora integrantes das estupas e viharas budistas do norte, agora exumadas para orgulho do museu. [...] Era sua primeira experiência de uma grande cidade industrial, cujos bondes transbordantes amiúde o amedrontavam.. [...] Havia ali toda espécie de gente do norte, as voltas com os pôneis e camelos, carregando-os ou descarregando-os (Kipling, 2005, P. 14 e 26)

Nesse breve excerto da obra de Rudyard Kipling, “Kim” (KIPLING, 2005), é notório o contraste existente entre a modernização e o atraso da Índia, ao mesmo tempo em que tanto o garoto como o velho Lama viam os bondes, fitavam as caravanas de cavalos em movimentação. A intenção do autor no decorrer de toda a obra é apresentar a diferença entre a Índia sem o europeu e a Índia com as modernizações inseridas pela dominação inglesa.

Ao descrever o jovem menino como interessado no velho pelo fato de sua cultura ser distinta, Kipling destaca o suposto interesse das nações ocidentais e imperialistas nas civilizações diferentes da sua. Ou seja, é como se ao Ocidente fosse reservado o estudo das outras civilizações. Essa imagem do europeu é incutida na figura de Kim, pois o menino em seu íntimo sente-se atraído pela aventura de acompanhar aquele homem, representante de uma cultura distinta.

Kim era a única pessoa no mundo que nunca lhe mentira, e ser-lhe-ia uma decepção se soubesse que, para os outros, Kim mentira como um Oriental. [...] Admirado da imensa simplicidade do lama. [...] Kim pediu e pagou uma passagem para Umbala. O sonolento bilheteiro recolheu as rúpias e entregou bilhete para uma estação seis milhas aquém. - Alto lá! Protestou Kim. - Isso pode colar com gente do campo, mas eu sou da cidade de Lahore (Kipling, 2005, P. 32, 36 e 37)

Ao afirmar que Kim não mentia para o afegão, Mahbub Ali, Kipling coloca os homens em dois grupos, os que falam a verdade e os orientais. O caráter universalista da afirmação demonstra que a percepção europeia e imperialista acreditava que todo o oriental faltava com a verdade, não sendo passivo de crédito.

É notória a “capciosidade”, esperteza e deslealdade do oriental, como demonstra Kipling ao descrever o “embate” entre Kim e o bilheteiro. A intenção do autor é estabelecer a separação entre o europeu e os orientais, onde alguns são “santos”, ingênuos, como o próprio Lama, e outros espertos e desleais como o relatado no caso do

“Babu” (termo que Kipling utiliza para descrever os Hindus) da estação. O esperto “Babu” é capaz de enganar um camponês, mas não um jovem europeu, como era Kim.

O governo nos derreia com taxas, mas nos dá uma boa coisa: o te-rem, que junta os amigos e consola os inquietos. [...] Não avançavam agora mais que duas milhas por dia, com todo peso as costas de Kim. [...] Kim saía pela manhã, estendia as cobertas para a meditação do Lama e ficava com sua cabeça ao colo; durante as horas quentes abanava as moscas até ficar com os pulsos doendo; saía de novo a pedir à tarde e fazia massagens nos pés do velho, o qual o recompensava com a promessa da libertação - hoje, amanhã ou depois de amanhã (Kipling, 2005, P. 218 e 297).

O reconhecimento do oriental para com os serviços britânicos prestados à Índia é uma marca na obra de Kipling. O nativo reconhece sua “dependência” e sua necessidade de estar tutelado, à validação da tutela parte mais uma vez do oriental, que supostamente aceita abertamente pagar tributos em troca de avanços tecnológicos.

A segunda passagem transcrita acima é o detalhamento do que refere à figura do personagem Kim e o que ele representa; é simbólico, mostra todo o apressado e cuidado que Kim dispersara ao velho, todo o cuidado e atenção dados ao abade de Such-Zen (Ao Lama) em troca de uma promessa de libertação, uma vaga promessa, algo completamente incerto, sem perspectiva de ocorrer. Kim se coloca aos pés do Lama, se dá em sacrifício para esse oriental, se entrega à defesa deste homem, o defende contra os outros estrangeiros que o tentaram profanar. Kim defende o velho do Oriente arriscando sua vida, tudo que faz é em benefício deste homem. Kim é o seu protetor, seu tutor.

Quem é Kim? Kim, na verdade aqui representa a Inglaterra, e o velho, a Índia e as outras possessões orientais do império britânico. O garoto representa a defesa dos povos oprimidos, ignorantes e inocentes. A todo o decurso da história ele está sempre tutelando os nativos devido a sua esperteza e sapiência, é conhecido como “amigo de todos”, aquele que todos tomam como amigo, não como ameaça. Kipling personifica a Inglaterra e a transforma em Kim, ele não é só um jovem, ele é todo um império e suas pretensões.

Joseph Conrad e Rudyard Kipling estão ligados ao império pelas suas vidas, uma amálgama extremamente forte, que não é facilmente rompida. A influência da “Era dos Impérios” (HOBSBAWN, 1992) está fortemente presente em suas obras.

É possível perceber nas narrativas de ambos os romances, “Lord Jim” (CONRAD, 1992) e “Kim” (KIPLING, 2005), que os autores se assemelham com seus

personagens principais. A história de vida de Joseph Conrad e Rudyard Kipling se imbrica com a de Jim e Kim. Conrad tem a maioria de seus escritos voltados para as aventuras marítimas; o mesmo servira por 8 anos à marinha Real Inglesa e a Francesa, influenciando assim seus escritos. Kipling, narra às aventuras de um jovem garoto nascido na Índia, mas de descendência britânica, este mesmo também comungava tais características. É possível afirmar que as experiências no império, como também imperialistas que ambos possuíram, influenciaram suas narrativas, seus relatos novelescos. Destarte, o imaginário da época influenciava na cultura, fazendo dela, expoente de defesa de seus interesses, por mais espúrios que fossem.

REFERÊNCIAS:

CONRAD, Joseph. Lord Jim. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1982.

KIPLING, Rudyard. Kim. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

SAID, Edward. Cultura e Imperialismo. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2011.

BRUIT, Hector. O Imperialismo. São Paulo: Ed. Atual, 1988.

CHARTIER, Roger. A história cultural: Entre práticas e representações. Difel, Algés: Ed 2002.

ARENDET, Hanna. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

HOBBSAMW, Eric; **Era dos Impérios - 1875 - 1914** -.Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1992.

PARIS, Robert. **A imagem do operário no século XIX pelo espelho de um vaudeville**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 8, n. 15, set.1987/ fev. 1988.

REIS, José Carlos. **A história, entre a Filosofia e a Ciência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é literatura?** 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SCHWARCZ, Lília Moritz; **O espetáculo das Raças - Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil - 1870-1930**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2005.

GINZBURG, Carlo. **Relações de Força: história, retórica e prova**. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

FREUD, Sigmund. **O mal-Estar na civilização** (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Originalmente publicado em 1929).

